

Diários de uma Pandemia
(ISPUP e INESC TEC, com o apoio do jornal PÚBLICO)

UTILIZAÇÃO DE CUIDADOS DE SAÚDE NO CONTEXTO DA COVID-19

SUMÁRIO

O estudo Diários de uma Pandemia tem acompanhado, desde 23 de março, um grupo de cidadãos que aceitaram descrever vários aspetos da sua vida diária no contexto da COVID-19 (diariosdeumapandemia.inesctec.pt). Através do seguimento de 10.391 participantes entre 16 e 89 anos, que no total preencheram 73.617 questionários, observa-se que:

- Para obter cuidados de saúde relacionados com a COVID-19, os participantes recorreram sobretudo ao médico de família, através de contactos à distância, e à Linha SNS24, sendo os cuidados presenciais claramente menos usados;
- 8,4% dos participantes tentaram contactar a Linha SNS24 durante o mês de março, mas 3,6% (43% dos que tentaram o contacto) não conseguiram contactar a Linha. Este insucesso não pareceu refletir-se num aumento da procura dos cuidados presenciais - hospitais ou centros de saúde - quando comparado com o que foi relatado pelos participantes que conseguiram contactar a Linha. No entanto, os indivíduos que tentaram contactar a Linha sem sucesso deslocaram-se mais vezes a farmácias (por motivos relacionados ou não com a COVID-19) que os que tiveram sucesso no contacto;
- A principal circunstância associada à procura de cuidados de saúde foi o contacto com casos confirmados de infeção por SARS-CoV-2, seguido da presença de um ou mais dos sintomas destacados pelas autoridades de saúde (tosse, febre e dificuldade respiratória), do contacto com casos suspeitos e de uma autoavaliação de risco elevado de infeção. Por outro lado, a autoavaliação de risco elevado esteve mais associadas às idas à farmácia que os contactos de risco ou os sintomas;
- Os cuidados de saúde foram mais procurados por pessoas cujo agregado familiar incluía doentes crónicos ou crianças até aos 10 anos. A procura não pareceu determinada apenas pela presença de adultos com 60 ou mais anos no agregado. Os profissionais do setor da saúde foram os que mais procuraram o médico de família e os hospitais públicos, possivelmente por exposições de maior risco e/ou pela proximidade;
- Enquanto os homens mais jovens preferiram a Linha SNS24, o médico de família foi mais procurado pelas mulheres de 40-59 anos e pelos homens a partir dos 60. As mulheres abaixo dos 40 anos procuraram mais vezes hospitais públicos que os restantes participantes e os homens a partir dos 60 foram os que mais recorreram aos serviços de saúde privados. Em geral os cuidados de saúde foram mais procurados por pessoas com menor rendimento e menos utilizados pelos residentes no Alentejo e no Algarve.

RESUMO DO ESTUDO

Os Diários de uma Pandemia (COVID-19) recolhem, a cada dia e através de questionários aplicados online (<https://diariosdeumapandemia.inesctec.pt/>), a experiência individual de um largo conjunto de cidadãos entre 16 e 89 anos, que se propuseram deixar relato da forma como vivem este tempo, e em particular nos informam como atuam em relação a um conjunto de situações que poderão influenciar o curso da epidemia em Portugal. De um ponto de vista técnico, os Diários de uma Pandemia podem ser vistos e analisados como um estudo longitudinal, em curso, que acompanha diariamente uma amostra dinâmica de participantes, e por isso permite relacionar acontecimentos com experiência de risco medida em pessoas-tempo de exposição.

Entre 23 de março e 8 de abril de 2020, inscreveram-se para participar no estudo 10.391 pessoas, que ao longo deste período preencheram 73.617 questionários. A partir daí foi possível estimar a incidência, por unidades de pessoa-dia (em cada 1000 pessoas e a cada dia), da utilização de diferentes cuidados de saúde: Linha SNS24, contacto à distância com o médico de família, deslocação a um hospital público, deslocação aos cuidados de saúde primários (“centro de saúde”), deslocação a cuidados de saúde privados e deslocação a uma farmácia. Estimou-se ainda a experiência (tentativas de contacto com e sem sucesso) da Linha SNS24 desde 1 de março.

A distribuição destes eventos é abaixo descrita de acordo com características de natureza clínica ou epidemiológica (presença de sintomas associados à COVID-19, contactos com casos confirmados/suspeitos, autoavaliação do risco de infeção, doença crónica no agregado, agregado com elementos com idade igual ou superior a 60 anos, agregado com elementos com idade inferior a 10 anos) e sociodemográficas (género, idade, região de residência, setor de atividade profissional e apreciação do rendimento do agregado familiar).

RESULTADOS

a) Utilização global de cuidados de saúde e interação com a Linha SNS24

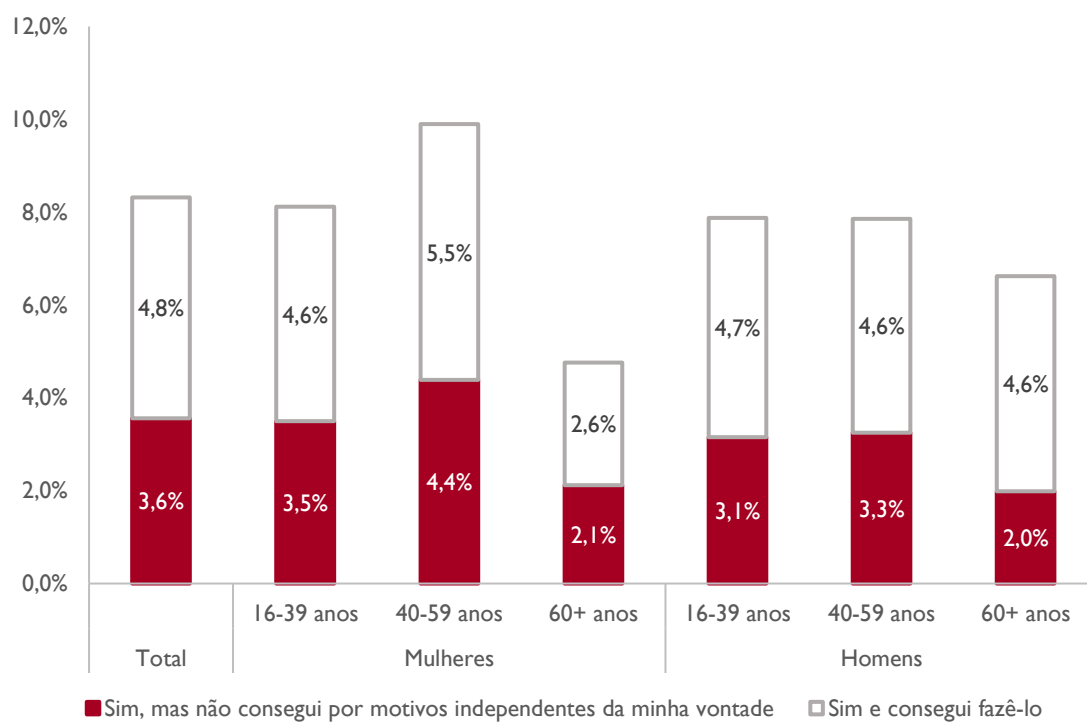
Quando considerada a totalidade dos participantes, foram relatados os seguintes contactos por motivo relacionado com a COVID-19, por cada 1000 participantes e em cada dia:

- 6,0 (intervalo de confiança a 95%: 5,4; 6,6) contactos à distância com o médico de família;
- 4,0 (3,6; 4,5) contactos com a Linha SNS24;
- 1,7 (1,4; 2,0) deslocações a hospitais públicos;
- 1,0 (0,8; 1,2) deslocações aos cuidados de saúde primários;
- 1,0 (0,8; 1,2) deslocações a serviços de saúde privados;
- 49,4 (47,8; 51,1) deslocações a farmácias, por motivos relacionados ou não com a COVID-19.

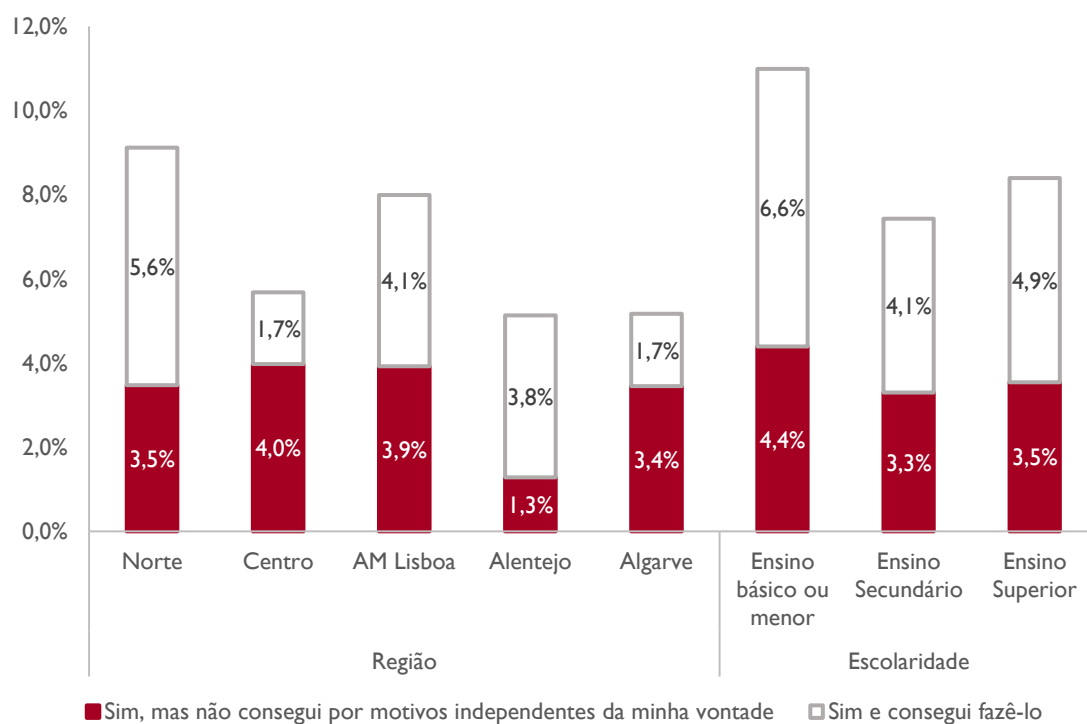
Pelo seu papel central na referência e ligação aos cuidados de saúde, presenciais ou não, os resultados abaixo focam especificamente as interações com a Linha SNS24 e a sua relação com a utilização de outros serviços de saúde. Entre todos os participantes, 8,4% tentaram contactar a Linha SNS24 durante o mês de março de 2020 e 3,6% referiram não o ter conseguido por motivos independentes da sua vontade (aproximadamente 43% dos indivíduos que tentaram o contacto). No que diz respeito ao perfil dos utilizadores, as mulheres com idades entre 40 e 59 anos foram as que mais tentaram contactar a Linha SNS24 (9,9%), sendo esta frequência menor nas mulheres com idade igual ou superior a 60 anos (4,8%). Nos dois géneros e em todas as classes etárias foram mais frequentes os contactos com sucesso.

Já no que diz respeito à região de residência, o Norte e a A.M. Lisboa foram as regiões onde ocorreu maior frequência de tentativas de contacto (9,1% e 8,0%, respetivamente). Não obstante, é de realçar que nas regiões Centro e Algarve a frequência de contactos sem sucesso (4,0% e 3,4% de todos os participantes residentes nestas regiões, respetivamente) foi superior à dos contactos com sucesso (1,7% em ambas as regiões).

Durante o mês de março de 2020, tentou contactar a Linha SNS24?

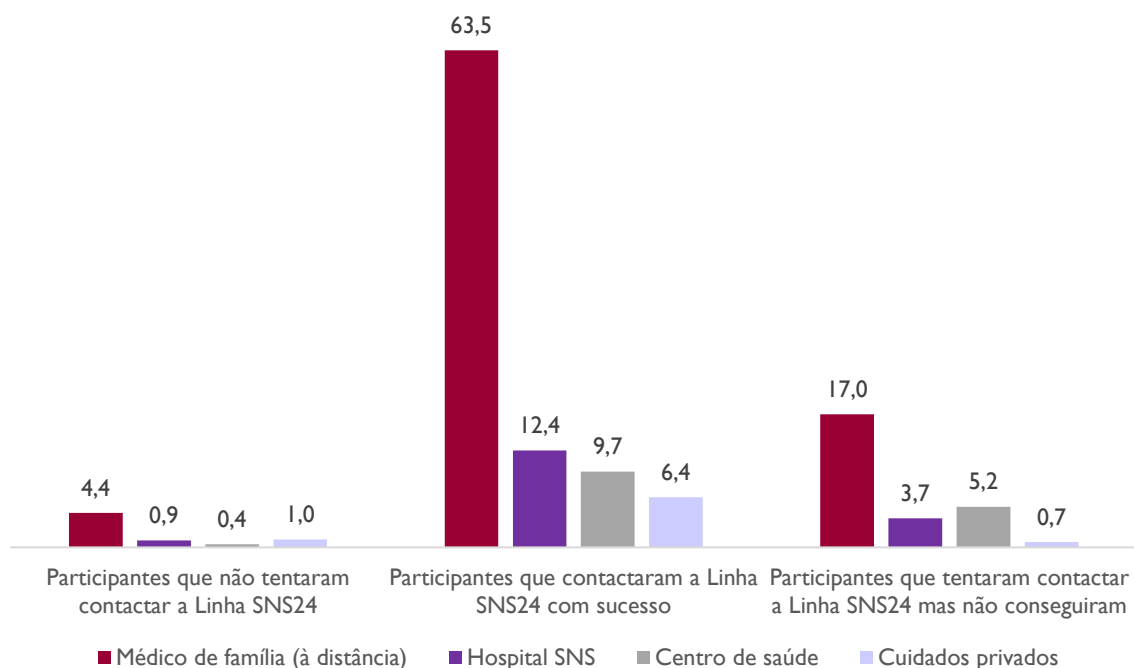


Durante o mês de março de 2020, tentou contactar a Linha SNS24?

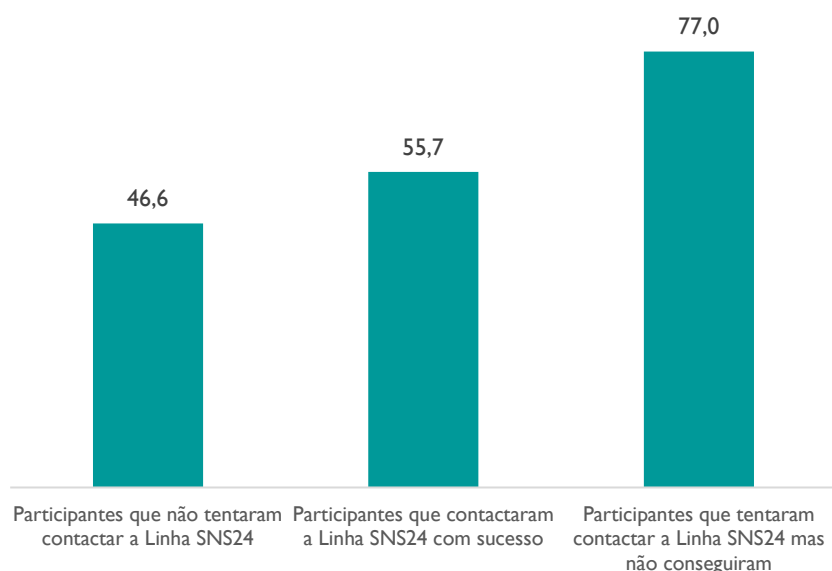


Os gráficos seguintes abordam o possível efeito da experiência com a Linha SNS24 na procura de outros cuidados de saúde, entre participantes que tiveram pelo menos um sintoma ao longo do período de seguimento. Os participantes que, durante março de 2020, contactaram a Linha SNS24 com sucesso foram também os que mais recorreram a todos os outros cuidados de saúde, principalmente através do contacto à distância com o médico de família (a cada dia, 63,5/1000 (53,5; 75,4)), quer essa decisão tenha ocorrido por referência da própria Linha SNS24 ou por fatores a montante que determinem a procura de diferentes cuidados de saúde pelo mesmo indivíduo. Menos frequente foi a utilização de outros cuidados de saúde pelos inquiridos com sintomas que tentaram contactar a Linha SNS24 sem sucesso. Entre estes, 17,0/1000 (11,3; 25,7) contactaram à distância o médico de família, 5,2/1000 (2,5; 10,9) dirigiram-se aos cuidados de saúde primários, 3,7/1000 (1,5; 8,9) dirigiram-se a um hospital público e 0,7/1000 (0,1; 5,3) a serviços de saúde privados. De um modo geral, os participantes com sintomas que durante março de 2020 não procuraram contactar a Linha SNS24 também não recorreram frequentemente a outros serviços de saúde. É ainda de salientar que os participantes que tiveram sintomas e não conseguiram contactar a Linha SNS24 deslocaram-se mais vezes a farmácias (77,0/1000 (63,1; 94,0)), quando comparados com aqueles que contactaram a Linha com sucesso (55,7/1000 (46,4; 66,9)) e com os que não tentaram contactar a Linha (46,6 (44,1; 49,1)) mesmo tendo sintomas. Os participantes com sintomas que tentaram contactar a Linha SNS24 (com ou sem sucesso) também reportaram pesquisas mais frequentes na internet sobre a COVID-19 quando comparados com os que não procuraram a Linha.

Tentativa de contacto com a Linha SNS24 desde 1 de março e utilização de outros serviços de saúde, em cada 1000 pessoas **com sintomas**, a cada dia:



Deslocações a farmácias de acordo com a tentativa de contacto com a Linha SNS24 durante março, em cada 1000 pessoas, a cada dia:

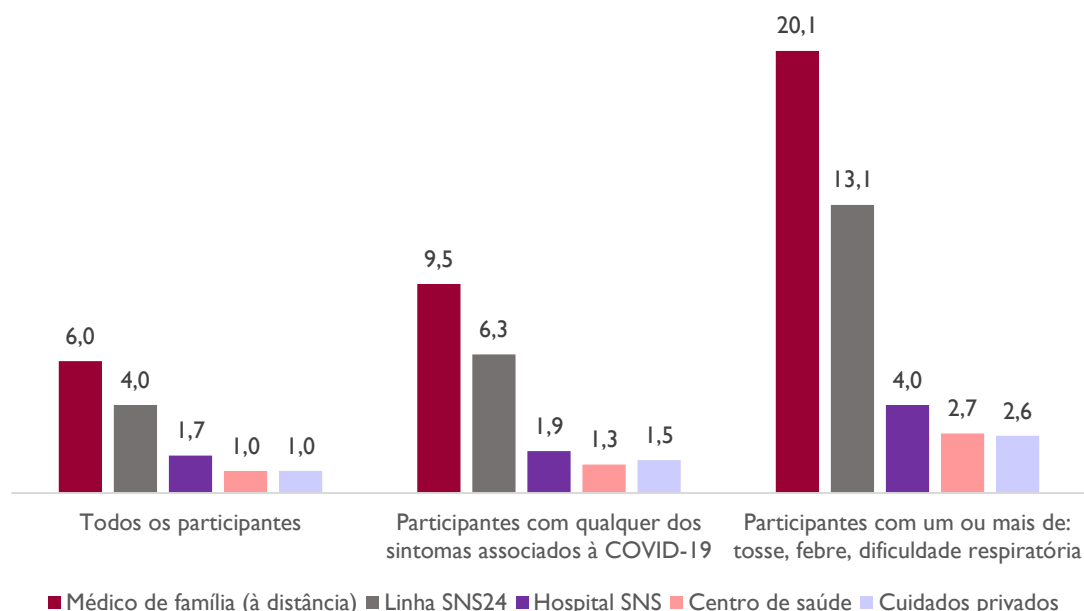


b) Sintomas, contactos com casos de infeção e risco percebido

Em geral, a utilização de cuidados de saúde foi mais frequente nas pessoas que declararam um dos sintomas associados à COVID-19 que eram apresentados no questionário¹. Quando considerados apenas os inquiridos com pelo menos um dos sintomas caracterizados como mais distintivos da COVID-19 pelas autoridades internacionais e nacionais de saúde (tosse, temperatura superior a 37,5°C e dificuldade respiratória), o recurso aos cuidados de saúde foi substancialmente mais frequente. Entre esses participantes, 20,1 (17,5; 23,0) em cada 1000, por dia, contactaram o médico de família e 13,1 (11,1; 15,5) contactaram a Linha SNS24. Embora menos acentuada, foi também mais frequente a procura dos restantes cuidados - hospitais públicos, centros de saúde e serviços privados - pelos indivíduos com sintomas. Não houve diferenças claras na frequência de deslocações a uma farmácia entre indivíduos com e sem sintomas.

¹ Sintomas inquiridos: tosse seca, febre, dificuldade respiratória, congestão nasal, dor de garganta, dor de cabeça, dor no peito, dores musculares, diarreia e cansaço não habitual.

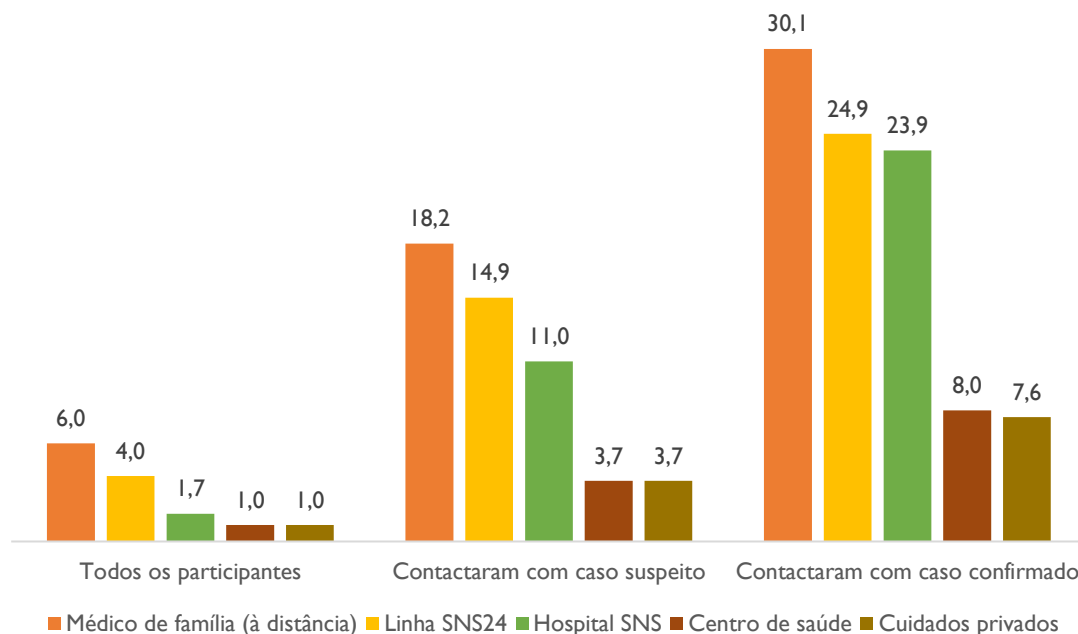
Sintomas e utilização de serviços de saúde, em cada 1000 pessoas, a cada dia:



Mais claramente que os inquiridos com sintomas, aqueles que reportaram contacto com indivíduos suspeitos de estar infetados com SARS-CoV-2 ou com diagnóstico confirmado procuraram mais frequentemente qualquer dos serviços de saúde considerados. No entanto, no caso particular dos contactos com casos confirmados, não só foram frequentes os contactos à distância com o médico de família (30,1 (24,3; 37,2) em cada 1000 pessoas por dia) e com a Linha SNS24 (24,9/1000 (19,7; 31,4)), mas também as deslocações a hospitais públicos (23,9/1000 (18,8; 30,3)) e, embora menos frequentemente, as deslocações aos cuidados de saúde primários (8,0/1000 (5,3; 12,0)) e aos serviços de saúde privados (7,6 (5,0; 11,6)).

Os participantes que tiveram contacto com um caso suspeito também recorreram mais às farmácias, por motivos relacionados ou não com a COVID-19 (60,2/1000 (54,8; 66,2) vs. 48,2 (46,5; 50,0) nos inquiridos sem esse contacto). No entanto, o recurso a farmácias não diferiu entre participantes com e sem contacto com um caso confirmado.

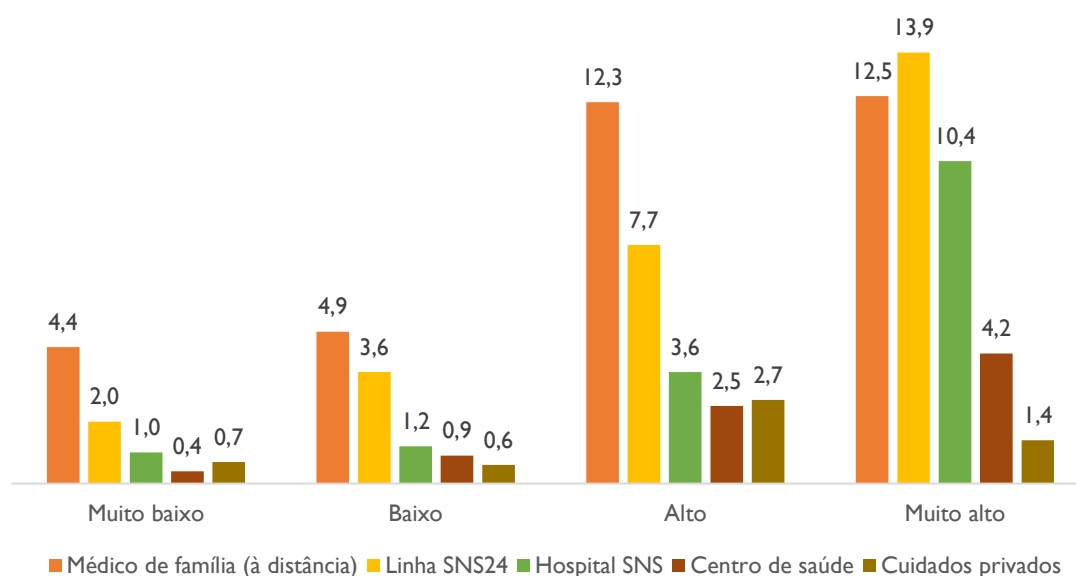
Contactos com casos suspeitos/confirmados e utilização de cuidados de saúde, em cada 1000 pessoas, a cada dia:



O gráfico seguinte diz respeito à relação entre utilização serviços de saúde e uma medida subjetiva de risco percebido de infeção. Quando comparados com os que consideraram ter risco baixo ou muito baixo de infeção, os participantes que caracterizaram o seu risco individual como alto recorreram mais frequentemente a todos os cuidados de saúde: 12,3/1000 (9,8; 15,4) através do médico de família, 7,7/1000 (5,8; 10,2) através da Linha SNS24, 3,6/1000 (2,4; 5,5) deslocando-se a um hospital público, mas menos de 3/1000 deslocando-se aos cuidados primários ou a serviços privados. Salienta-se, no entanto, que os inquiridos que caracterizaram como muito alto o seu risco de infeção, recorreram mais que os restantes, e com frequência estatisticamente semelhante, à Linha SNS24 (13,9/1000 (8,9; 21,5)), ao médico de família (12,5 (7,8; 19,9)), e aos hospitais públicos (10,4 (6,3; 17,3)). Apesar disso, o recurso aos cuidados de saúde nestes inquiridos foi menor que no grupo de participantes que referiram o critério mais objetivo de ter contactado com um caso confirmado.

É também de notar que a ida à farmácia aumentou consideravelmente com a probabilidade percebida de doença, desde 35,7/1000 (33,5; 38,2) nos inquiridos que consideravam ter muito baixo risco de infeção até 80,4/1000 (66,5; 97,1) nos que consideravam ter risco muito elevado de infeção.

Risco percebido de infecção e utilização de cuidados de saúde, em cada 1000 pessoas, a cada dia:

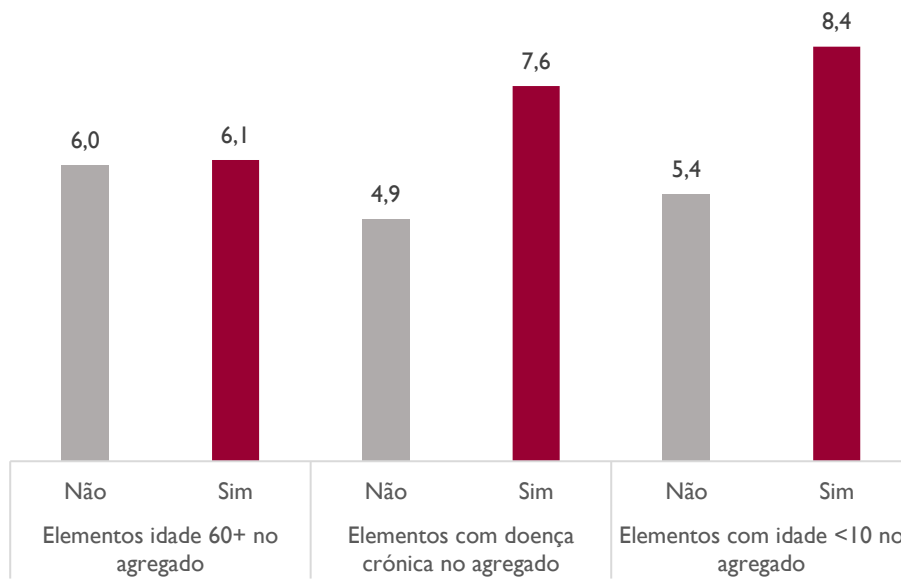


c) Perfil do agregado familiar

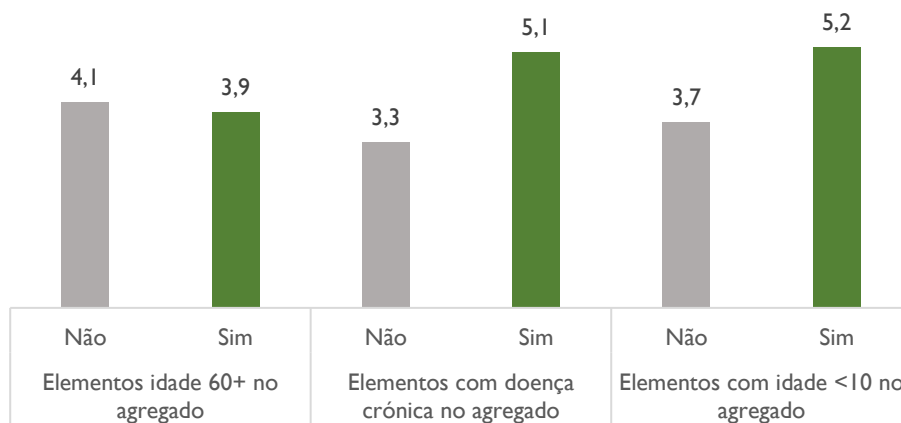
Relativamente às características do agregado familiar, e considerando apenas os cuidados de saúde globalmente mais reportados, não houve diferenças na frequência de contactos com o médico de família ou com a Linha SNS24 entre famílias com e sem membros com mais de 60 anos de idade. No entanto, o recurso aos cuidados foi mais frequente nos agregados que incluíam pessoas com doença crónica², tanto em relação aos contactos com o médico de família (7,6/1000 (6,7; 8,7) vs. 4,9 (4,3; 5,7) nos agregados sem doentes crónicos) como com a Linha SNS24 (5,1/1000 (4,4; 6,0) vs. 3,3/1000 (2,8; 3,9)). Observaram-se resultados semelhantes nos agregados que incluíam crianças com idade inferior a 10 anos, tanto em relação aos contactos com o médico de família (8,4/1000 (7,1; 9,9) vs. 5,4/1000 (4,8; 6,0) nos agregados sem menores de 10 anos) como com a Linha SNS24 (5,2/1000 (4,2; 6,4) vs. 3,7/1000 (3,2; 4,2)). Os resultados mantiveram-se quando a análise foi restrita aos inquiridos que reportaram um ou mais sintomas ao longo do seguimento. Não houve relações estatisticamente valorizáveis entre as características do agregado e a procura de hospitais públicos, cuidados de saúde primários ou serviços de saúde privados.

² Condições exemplificadas no questionário: hipertensão, diabetes, doença cardíaca, doença respiratória, doença hepática, doença renal, cancro e terapia com medicamentos imunossupressores.

Agregado familiar e contactos à distância com o médico de família, em cada 1000 pessoas, a cada dia:



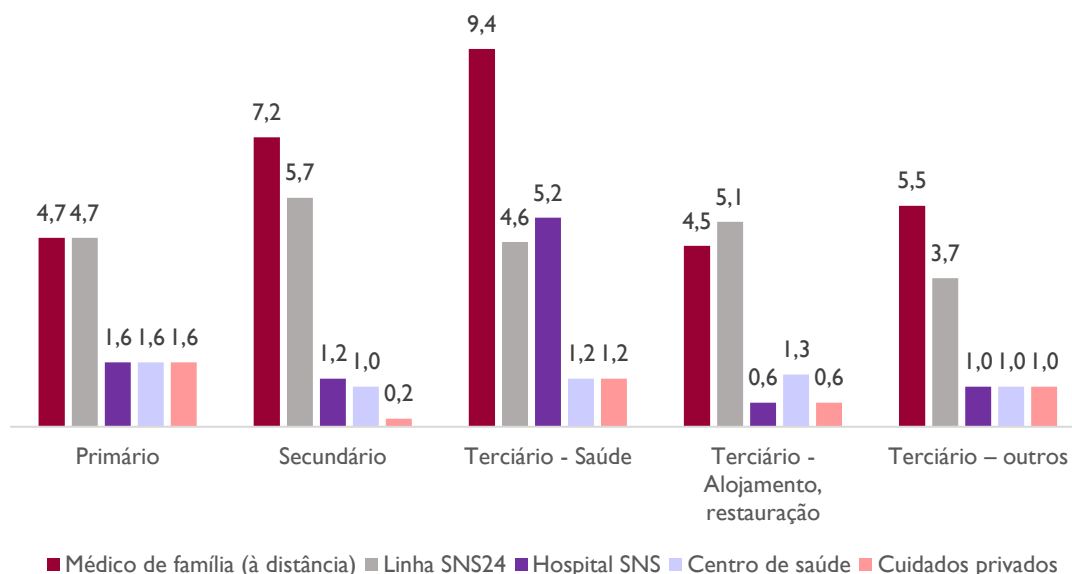
Agregado familiar e contactos com a Linha SNS24, em cada 1000 pessoas, a cada dia:



d) Setor de atividade profissional e rendimento do agregado

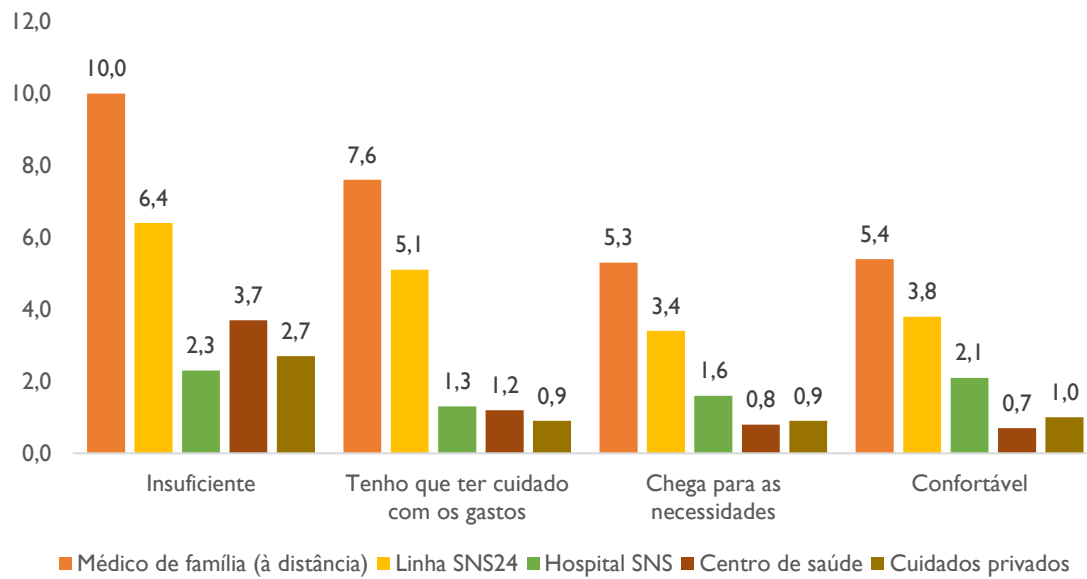
Os participantes que trabalham no setor da saúde humana e apoio social foram os que mais frequentemente contactaram o médico de família (9,4/1000 (7,8; 11,3)), seguidos dos trabalhadores do setor secundário (7,2/1000 (5,0; 10,4)). Os inquiridos com profissões no setor do alojamento, restauração e similares contactaram o médico de família e a Linha SNS24 com frequências semelhantes (4,5/1000 (2,1; 9,4) e 5,1/1000 (2,5; 10,2), respetivamente). É finalmente de destacar uma frequência comparativamente elevada de recurso a hospitais públicos (5,2/1000 (4,1; 6,7)) por parte dos trabalhadores do setor da saúde, possivelmente por exposições de maior risco e/ou pela proximidade. O padrão de utilização de cuidados de acordo com o setor de atividade foi semelhante quando considerados apenas os inquiridos que tiveram sintomas.

Setor de atividade profissional e utilização de cuidados de saúde, em cada 1000 pessoas, a cada dia:



De uma forma geral, a utilização dos diversos tipos de cuidados foi mais frequente nos indivíduos mais insatisfeitos com o rendimento do agregado familiar. No entanto, a relação entre os vários tipos de cuidados manteve-se semelhante entre classes de rendimento, o que não indica barreiras económicas no acesso aos cuidados neste contexto particular.

Rendimento do agregado e utilização de cuidados de saúde, em cada 1000 pessoas, a cada dia:

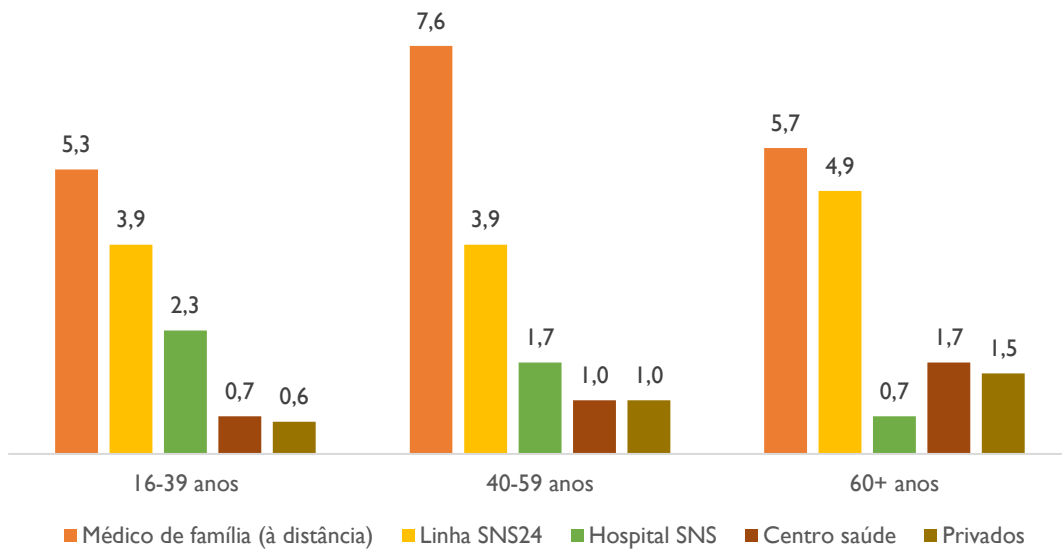


a) Género, idade e região de residência

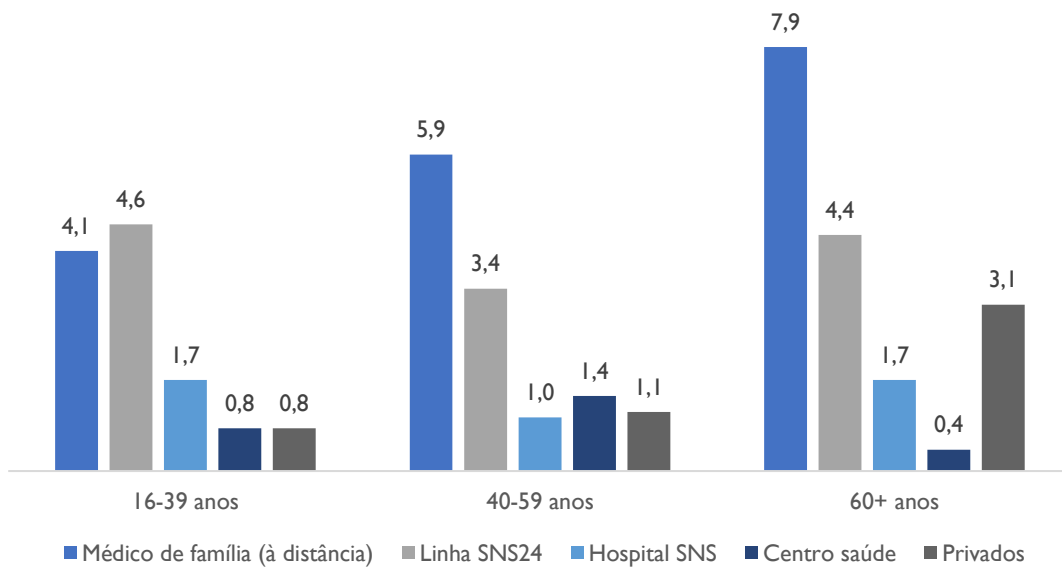
Contactaram mais o médico de família as mulheres entre os 40 e os 59 anos de idade (7,6/1000 (6,5; 8,8)) e os homens com 60 ou mais anos (7,9/1000 (4,9; 12,5)). Já a utilização da Linha SNS24 foi mais reportada pelas mulheres com 60 ou mais anos (4,9/1000 (3,4; 7,1)) e pelos homens com menos de 40 anos (4,6/1000 (3,4; 6,3)) sendo, nestes últimos, o tipo de cuidados mais frequentemente procurado. As deslocações a hospitais do SNS foram mais frequentes nas mulheres mais jovens (2,3/1000 (1,7; 3,0)), em particular quando comparadas com aquelas de idade igual ou superior a 60 anos (0,7/1000 (0,3; 1,8)). Os homens de 60 ou mais anos foram quem mais procurou cuidados de saúde privados (3,1/1000 (1,5; 6,4)).

Em Portugal continental, os contactos com o médico de família predominaram nas regiões Norte (6,8/1000 (6,1; 7,6)), Centro (5,8/1000 (4,3; 7,8)) e A.M. Lisboa (4,8/1000 (3,8; 6,2)) e foram mais raros no Alentejo, pese embora a imprecisão da estimativa (1,6/1000 (0,5; 4,8)). Os residentes nas regiões Norte (4,4/1000 (3,9; 5,1)), A.M. Lisboa (4,3/1000 (3,3; 5,5)) e Algarve (3,8/1000 (1,6; 9,2)) contactaram mais a Linha SNS24, sendo esta menos usada no Centro (1,9/1000 (1,1; 3,3)) e no Alentejo (0,5/1000 (0,1; 3,7)). Os cuidados de saúde privados foram mais usados pelos participantes residentes na A.M. Lisboa (1,5/1000 (1,0; 2,3)), apesar de se manterem pouco frequentes em termos relativos.

Utilização de cuidados de saúde, a cada dia, em 1000 mulheres:



Procura de cuidados de saúde, a cada dia, em 1000 homens:



Utilização de cuidados de saúde, em cada 1000 participantes, por dia e região de residência (Portugal continental):

